

usadas por alguns, porém só no tempo do mesmo Claudio, valendo então o T por V consoante, como dizem os auctores que trataram d'este assumpto.

A architectura d'este pequeno edificio, e tambem a sumptuosidade do templo, convertido em capella de S. Mamede, são uma prova incontestavel de que proximo houve uma importante povoação romana.»

Certamente muitas das afirmações transcritas precisam de rectificação; mas eu não estou no caso de a fazer, pois, comquanto já andasse em tempo por aquellos sitios, não examinei os monumentos de que se trata.

J. L. DE V.

#### Ainda a proposito de «*anta*»<sup>1</sup>

No artigo que escrevi no n.º 25 d-*A Vida Moderna*, de 27 de Fevereiro de 1896, reproduzido n-*O Archeologo Português*, II, 92, a proposito da etymologia da palavra *anta* e de outras questões correlativas, disse eu em resposta a uma nota do Sr. P.º Espanca: «visto que se recorre á glottologia, ou sciencia da linguagem, hão-de respeitar-se-lhe rigorosamente as leis; do contrário anda-se sem methodo».

O Sr. P.º Espanca, voltando ao assumpto no n.º 40 d-*A Vida Moderna*, não respeita as leis glottologicas; por isso eu não estava obrigado a responder-lhe. No entanto respondo-lhe, porque a elle me ligam relações de sympathia pessoal e amizade, e não queria que tomasse o meu silencio por falta de consideração.

De eu ter escripto que podia o Sr. P.º Espanca ter citado *antra*, plural de *antrum*, como origem de *anta* não se conclue que eu, como elle affirma, «não recuse a proveniencia da palavra *anta* como oriunda de *antra*.» Nada de sophismas! A questão é meramente scientifica. O que se procura é chegar á verdade. Se eu me julgasse em mau campo, declarava-o lealmente. A palavra *anta* não póde ter vindo nem de *antrum*, nem de *antra*. Phoneticamente oppõe-se a isso o

<sup>1</sup> Este artigo foi primeiro publicado n-*A Vida Moderna*, de 24 de Junho de 1896.

genio da lingua portuguesa, como mostrei no citado artigo, pois não ha exemplo de cair o *r* nas condições em que elle se encontra em *antrum*, e pelo contrario mantem-se, segundo consta dos factos que apresentei.

Diz o Sr. Espanca que não comprehende como *asellus* venha de *asinerulus*. Nem eu tão pouco! E não sei mesmo a que proposito invoca aqui o *asinus*, e muito menos o disparatado *asinerulus*!

Para me provar que o *r* cae, cita-me o Sr. Espanca estas palavras: *arado*, do latim *aratrum*; *propio* de *proprio*; *rasto* de *rastrum*.

Mas eu tinha escripto bem claro: «Era impossivel, digo eu, que *antra* dêsse *anta*: NÃO HAVENDO OUTRO *r* NA PALAVRA, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae». Ora, se em cada um dos tres exemplos citados pelo Sr. Espanca entra o *r* duas vezes, e se eu tinha prevenido a objecção por conhecer aquelles exemplos, e os ter já citado em varios trabalhos meus, para que vir á carga com taes exemplos? É por força para enredar a questão! O caso é muito simples: se em *antra*, onde ha uma só liquida, esta caisse, havia de cair em palavras analogas. Não ha mais exemplos; logo não se pôde dizer que o *r* caiu em *antra*.

Cita ainda o Sr. Espanca *emplasto*, de *emplastro*. Mas aqui ha uma illusão. O povo diz muito frequentemente *emprasto*, que provém de *emprastro*, onde houve mudança de *pl* em *pr*, como em *pruma* de *pluma*, *pranto* de *planctus*, *praino* do radical de *planus*, *prazer* de *placere*, etc., e d'aqui a simplificação. *Emplasto* pôde ser influencia da fórma erudita *emplastro* sobre *emprasto*. Nada temos aqui analogo a *antra*.

Diz mais: «Num documento do seculo XVI li já a palavra *pedrestal*, e creio que assim devia ser etymologicamente; mas os proprios technicos lhe supprimem o *r*».

É possivel que alguém no seculo XVI escrevesse *pedrestal*, em vez de *pedestal*, por suppor que a palavra se relacionava com *pedra*. A imaginação tem muito campo. Tambem o Sr. P.<sup>o</sup> Espanca suppõe que *anta* nasceu de *antra*! Mas *pedestal* não tem como fórma anterior a palavra *pedrestal*. Em hespanhol diz-se *pedestal*, em francês, *piédestal*, em italiano, *pedestallo*: todas estas palavras teem como origem o latim *pes*, *pedem*, e o ant. alto-allemao *stal*, que significa «posição, assento.» Nada pois ha de commum entre *pedestal* e a nossa *anta*!

Por fim o Sr. P.<sup>o</sup> Espanca cita-me a queda do *r* em *lapa*, que, segundo elle, vem de *latebra*; mas, como tal hypothese é absurda, não tenho de a discutir.

Agora pergunto eu: visto que a hypothese de *antra* é contrária ás leis linguisticas, que dúvida tem o Sr. P.<sup>o</sup> Espanca em acceitar o latim *anta* e como fórma originaria de *anta*? Convém com a glotologia, e convém com o sentido.

J. L. DE V.

### Noticias várias

#### Sepulturas antigas

Lê-se n-*O Bejense* de 26 de Março do corrente:

«Nas excavações a que se anda procedendo no largo do Duque de Beja, encontraram-se terça feira, tres sepulturas de tijolo contendo ossos esmigalhados. Os tijolos das cabeceiras das sepulturas são de um typo que desconheciamos — em fórma de cunha, com os angulos reentrantes. O unico que os cabouqueiros pouparam foi recolhido no museu da camara.»

Lê-se no mesmo jornal, de 2 de Maio de 1896:

«No rocio do Carmo, onde se está procedendo a excavações para extrahir saibro, encontrou-se, á profundidade de 1<sup>m</sup>,5, um cemiterio. As sepulturas são construidas de maneira diferente de quantas temos visto por estes sitios, e que não são poucas, louvado Deus.

Na rocha, que é branda, abriram valas de 3 metros de altura, 0<sup>m</sup>,48 de largura e de 1<sup>m</sup>,70 de comprimento e nellas depositaram os cadaveres uns sobre os outros, mas separados por grossos tijollos, com as pontas quebradas, tendo cada um de comprimento 0<sup>m</sup>,50. De uma a outra divisoria de tijollo ha de altura 0<sup>m</sup>,44 e as cabeceiras das sepulturas ficam ao oriente. Os tijollos entravam em caixas abertas na rocha.

Nas sepulturas apenas se encontrou um vaso de barro vermelho, semelhante ás nossas tijellas de fogo<sup>1</sup>, inclinado sobre o rosto do

<sup>1</sup> A figura n.º 5 do artigo «Noticias de algumas estações romanas e arabes do Algarve», publicado no *Arch. Port.*, vol. I, n.º 12, pag. 332, representa fielmente o vaso.